

Cruzado não passa pelo teste do FMI

Relatório diz que Plano representa ameaça para os banqueiros internacionais

CESAR FONSECA
Da Editoria de Economia

O Governo Sarney recebeu uma péssima notícia esta semana: o Fundo Monetário Internacional não aprovou o programa econômico brasileiro que congelou preços e salários a partir de 28 de fevereiro deste ano. "O relatório do Fundo é extremamente prejudicial ao Brasil", informou a **C O R R E I O BRAZILIENSE** uma credenciada fonte oficial.

Duras críticas foram formuladas à política econômica que, no entender da instituição, não contribui para sanear as finanças públicas e coloca em risco o pagamento da dívida externa.

As conseqüências imediatas da apreciação negativa do FMI sobre o comportamento da economia brasileira se produzirão, certamente, nas negociações externas, tanto com o Clube de Paris quanto com os credores particulares. Difícilmente será possível ao Governo Sarney encaminhar um acerto satisfatório com o Clube de Paris. Mas, em relação aos credores particulares, o ministro da Fazenda, Dilson Fun-

ro, está confiante de que se poderá encaminhar uma negociação paralela.

O cacife com o qual conta o ministro é o comportamento do Governo de pagar em dia os seus compromissos, fato que coloca o Brasil em destaque perante os demais credores do terceiro mundo, o único que está cumprindo suas obrigações financeiras. E mais: acredita o ministro que os juros internacionais continuarão

caindo, bem como serão mantidos estáveis os preços do petróleo no mercado internacional, os dois fatores que mais pesam nas contas externas do País.

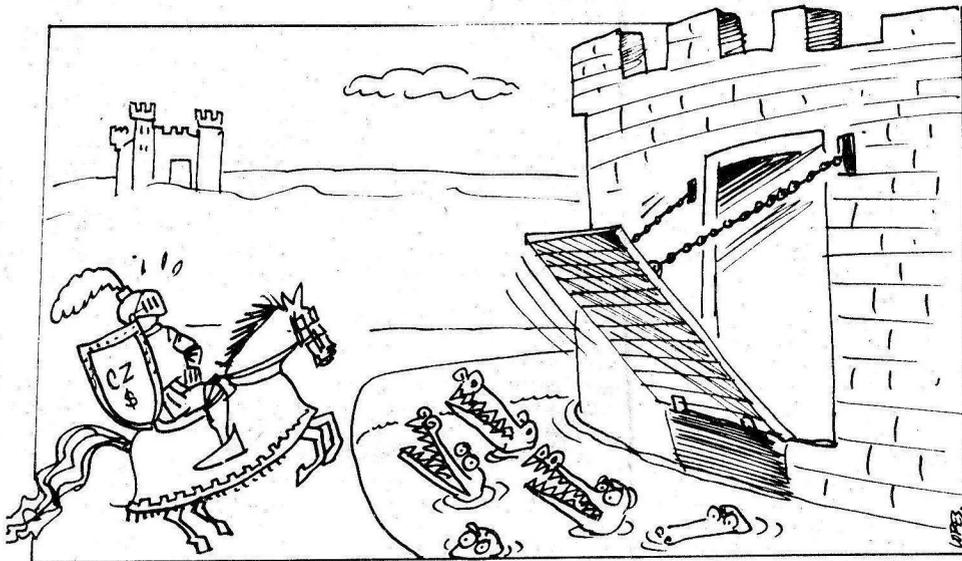
Este otimismo oficial, entretanto, é contestado pelos credores, que estão duplamente preocupados: primeiro, porque as reservas cambiais brasileiras estão em queda acentuada, bem como estão caindo e deverão continuar caindo

as exportações enquanto as pressões em favor das importações estão crescendo, devido ao crescimento do mercado interno.

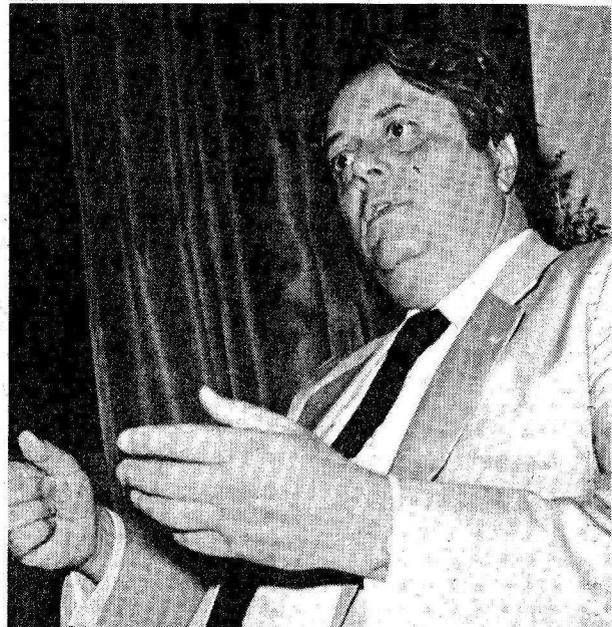
As quedas de reservas e das exportações contribuirão para reduzir o pagamento dos juros da dívida externa. As reservas cambiais deverão atingir, até o final do ano, cerca de 5,2 bilhões a 5,7 bilhões de dólares, depois de registrar 7,2 bilhões de dólares no final

do ano passado. Em outubro, elas continuaram caindo em relação a setembro e a tendência nesse sentido, segundo as previsões dos técnicos da Fazenda e do Banco Central, que, ontem, discutiram o assunto, deverá prosseguir.

Quanto ao comportamento das exportações, o panorama, pela mesma forma, não é nada alentador. Este mês o saldo comercial deverá ficar entre 400 milhões e 500 milhões de dólares. Essa tendência deverá permanecer nos próximos seis meses. Nos dois meses finais do ano, devido às pressões crescentes do mercado interno, e nos três primeiros meses de 1987, porque trata-se de período em que, normalmente, as exportações registram quedas significativas em relação aos demais meses do ano, porque as exportações de produtos alimentícios são insignificantes. Ao mesmo tempo, as previsões oficiais são de que a demanda agregada continuará aquecida até o final do primeiro trimestre de 87, fato que contribuirá, certamente, para manter baixos os saldos comerciais.



MILA PETRILLO



Flecha de Lima: de volta à mesa, na Bélgica